

<https://doi.org/10.31533/pubvet.v19n06e1785>

Intoxicação por plantas ornamentais em cães e gatos

Gabriella vitória dos Santos¹, Giovanna dos Santos Cartaxo¹, Victoria Keler Stribl¹, Yuri Matos Rodrigues¹, Pedro Enrique Navas Suárez²

¹Discentes do Centro Universitário das Américas, São Paulo.

²Professor do Centro Universitário das Américas, Departamento de Medicina Veterinária, São Paulo, Brasil.

*Autor para correspondência, e-mail: gabi2003vitoria@gmail.com

Resumo. A intoxicação por plantas ornamentais em cães e gatos representa um desafio crescente na clínica veterinária, especialmente diante do aumento do cultivo doméstico de espécies potencialmente tóxicas. Este trabalho teve como objetivo identificar, por meio de uma revisão sistemática, as principais plantas responsáveis por intoxicações, os sinais clínicos observados, os métodos diagnósticos utilizados, as condutas terapêuticas aplicadas e as estratégias de prevenção dos tutores. Os resultados evidenciaram que plantas como *Dieffenbachia* spp. (comigo-ninguém-pode), *Lilium* spp. (lírios – tóxicos principalmente para gatos), *Epipremnum aureum* (jiboia) e *Rhododendron* spp. (azaleia) são as mais frequentemente envolvidas nos casos de intoxicação. Os sinais predominantes foram gastrointestinais, neurológicos e respiratórios. Os métodos diagnósticos mais relatados incluíram anamnese, exames clínicos, laboratoriais e por imagem. As condutas terapêuticas variaram conforme o agente tóxico e a gravidade do quadro, sendo o suporte clínico o tratamento mais utilizado.

Palavras-chave: Animais domésticos, plantas ornamentais, toxicologia

Ornamental plant poisoning in dogs and cats

Abstract. Poisoning caused by ornamental plants in dogs and cats is an increasing challenge in veterinary medicine, especially considering the growing domestic cultivation of potentially toxic species. This study aimed to identify, through a systematic review, the main plants responsible for poisonings, the clinical symptoms observed, the diagnostic methods used, the therapeutic approaches applied, and the prevention strategies directed at pet guardians. The results showed that plants such as *Dieffenbachia* spp. (dumb cane), *Lilium* spp. (lilies – especially toxic to cats), *Epipremnum aureum* (pothos), and *Rhododendron* spp. (azalea) are most frequently involved in poisoning cases. The predominant symptoms were gastrointestinal, neurological, and respiratory. The most frequently reported diagnostic methods included anamnesis, physical examination, laboratory tests, and imaging. Therapeutic approaches varied according to the toxic agent and severity of the case, with clinical support being the most commonly used treatment.

Keywords: Domestic animals, ornamental plants, toxicology

Introdução

A convivência próxima entre seres humanos e animais domésticos, especialmente cães e gatos, tem gerado ambientes cada vez mais integrados entre espécies, com o compartilhamento não apenas de espaços físicos, mas também de hábitos e elementos decorativos (Almeida et al., 2010; Bowen et al., 2020; Moura et al., 2022; Oliveira & Silva, 2021). Entre esses elementos, as plantas ornamentais ocupam lugar de destaque nas residências brasileiras, tanto pela estética quanto pela função terapêutica atribuída pelos tutores. No entanto, a presença de espécies vegetais potencialmente tóxicas nesses ambientes representa um risco silencioso e crescente à saúde de cães e gatos.

A crescente popularidade da jardinagem doméstica, impulsionada sobretudo pelo contexto pandêmico da Covid-19, contribuiu para o aumento expressivo da presença de plantas ornamentais nas residências ([Barrozo et al., 2022](#); [Botelho et al., 2022](#); [Damasceno et al., 2023](#)). Paralelamente, clínicas veterinárias têm relatado um aumento nas ocorrências de intoxicação animal associada à ingestão acidental com essas plantas — situação que demanda atenção dos profissionais de saúde animal e evidencia a necessidade de maior vigilância e educação por parte dos tutores ([Camargo et al., 2022](#); [Catozo et al., 2022](#)).

Diversos estudos apontam que determinadas espécies vegetais amplamente utilizadas para fins ornamentais possuem princípios ativos com alto potencial tóxico, capazes de provocar distúrbios gastrointestinais, neurológicos, cardiovasculares e até mesmo a morte dos animais, dependendo da dose e da espécie envolvida ([Adamski et al., 2020](#); [Botelho et al., 2022](#); [Santos, 2013](#)). Ainda assim, muitos tutores desconhecem a toxicidade de plantas como Comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia seguine*), Espada-de-São-Jorge (*Sansevieria trifasciata*) e Antúrio (*Anthurium* spp.), entre outras.

Pesquisas recentes apontam para a necessidade de maior integração entre as áreas de toxicologia, farmacologia e clínica médica veterinária, a fim de estabelecer condutas mais eficazes para a prevenção, o diagnóstico e o tratamento das intoxicações ([Costa et al., 2022](#); [Melo et al., 2021](#)). O acesso à informação por parte dos tutores e o treinamento dos profissionais de saúde animal são aspectos frequentemente negligenciados, agravando o quadro de desinformação e a recorrência dos acidentes ([CIAVE/ANVISA, 2020](#); [Melo et al., 2021b](#)).

Embora existam manuais, boletins toxicológicos e relatos clínicos que descrevem as principais espécies vegetais tóxicas e seus efeitos, observa-se um déficit significativo de estudos epidemiológicos nacionais que mensurem a real incidência das intoxicações por plantas ornamentais em cães e gatos ([Bezerra et al., 2021](#); [CIAVE/ANVISA, 2020](#); [Costa et al., 2022](#); [Lizarraga & Parton, 2021](#)). O levantamento sistemático desses dados é essencial para o planejamento de ações educativas e o desenvolvimento de políticas públicas voltadas à proteção da saúde animal, em consonância com os princípios da abordagem "Saúde Única"

Entre os principais desafios enfrentados pelos clínicos veterinários está a dificuldade em identificar a planta causadora da intoxicação, uma vez que os tutores frequentemente não associam o quadro sintomático à presença da planta no ambiente ([Coutinho et al., 2020](#); [Santos et al., 2021](#)). O intervalo entre a ingestão e o início dos sinais pode variar amplamente, dificultando o diagnóstico precoce e, consequentemente, o sucesso terapêutico. Os sinais clínicos variam conforme a espécie vegetal, a quantidade ingerida e o porte do animal ([Chow et al., 2021](#); [Damasceno et al., 2023](#); [Martins et al., 2013](#); [Tokarnia et al., 2012](#)). Embora existam relatos de sucesso terapêutico, muitos casos evoluem para óbito por falência multissistêmica, sobretudo quando não há intervenção imediata.

O diagnóstico clínico-laboratorial das intoxicações requer uma abordagem minuciosa, envolvendo anamnese detalhada, exames bioquímicos e hematológicos e, quando necessário, biópsias e necropsias ([Jardim et al., 2021](#)). Entretanto, o acesso a métodos diagnósticos avançados ainda é limitado em grande parte das clínicas veterinárias brasileiras, o que compromete a eficácia do atendimento.

O tratamento das intoxicações por plantas ornamentais geralmente é sintomático e de suporte, envolvendo estabilização do paciente, fluidoterapia, administração de antieméticos e protetores gástricos, além da possível indução de vômito e uso de carvão ativado ([Eurell & Peacock, 2021](#)). Em muitos casos, a hospitalização é necessária, o que gera custos elevados e impacto emocional aos tutores.

A ausência de antídotos específicos para a maioria das substâncias vegetais tóxicas reforça a importância da prevenção como principal ferramenta de combate a esses acidentes ([Agbai et al., 2021](#)). O controle ambiental e a escolha consciente das espécies vegetais são estratégias eficazes e de baixo custo para a mitigação do risco. A atuação preventiva também envolve a capacitação dos profissionais da área veterinária para a identificação das espécies tóxicas e orientação aos tutores, com base em evidências científicas atualizadas ([Tenedini, 2020](#)). Essa capacitação pode ser promovida por meio de cursos de extensão, oficinas e materiais informativos acessíveis.

A carência de campanhas educativas direcionadas ao público leigo — incluindo tutores de pets e profissionais do paisagismo e jardinagem — evidencia uma lacuna prática no campo da saúde animal e do bem-estar doméstico ([Santos, 2022](#)). A abordagem interdisciplinar é essencial para alcançar

mudanças comportamentais efetivas. Ainda são escassas as ações integradas entre os setores público e privado com foco na prevenção das intoxicações por plantas, o que indica uma oportunidade para o desenvolvimento de políticas públicas e programas de vigilância ambiental ([Nagy et al., 2023](#); [Torres et al., 2024](#)).

Plantas ornamentais como agentes tóxicos no ambiente doméstico

As plantas ornamentais têm desempenhado um papel relevante na composição estética e no conforto dos lares, especialmente após o período pandêmico, que impulsionou a valorização dos ambientes internos ([Barrozo et al., 2022](#); [Botelho et al., 2022](#)). No entanto, essa popularização do paisagismo doméstico trouxe consigo um aumento silencioso nos casos de intoxicação animal, especialmente em cães e gatos. A toxicidade de muitas espécies vegetais é subestimada tanto por tutores quanto por comerciantes de plantas, o que contribui para a recorrência de acidentes. Algumas plantas amplamente cultivadas, como *Dieffenbachia seguine*, *Sansevieria trifasciata* e *Anthurium* spp., possuem princípios ativos capazes de desencadear reações adversas severas nos animais ([Botelho et al., 2022](#)).

A principal via de exposição tóxica é a oral, embora o contato dérmico ou ocular também possa provocar lesões. Os animais, por seu comportamento exploratório e lúdico — especialmente os filhotes — tornam-se alvos frequentes da ingestão acidental de folhas, flores ou caules ([Górniak, 2008](#); [Martins et al., 2013](#); [Melo, 2000](#); [Oliveira & Sisenando, 2017](#); [Tokarnia et al., 2012](#)). [Aguiar & Veiga Júnior \(2021\)](#) alertam que os compostos químicos presentes nas plantas ornamentais não devem ser ignorados. Diversas plantas ornamentais possuem estruturas especializadas, como os idioblastos, que armazenam cristais de oxalato de cálcio. Quando mastigadas, essas estruturas se rompem, liberando cristais pontiagudos que causam irritação intensa, dor oral, edema e salivação. Espécies como *Dieffenbachia*, *Philodendron* e *Anthurium* são especialmente perigosas para cães e gatos. Além do desconforto imediato, o edema de glote pode levar à obstrução das vias aéreas e à asfixia, exigindo atendimento veterinário de urgência. Apesar da gravidade dos efeitos, muitas dessas plantas continuam a ser comercializadas sem qualquer alerta sobre seu potencial tóxico.

Esses dados evidenciam a necessidade de maior regulamentação na comercialização de plantas tóxicas. A ausência de rotulagem informativa e de campanhas públicas dificulta a conscientização sobre os riscos envolvidos ([Fracaro et al., 2021](#)). Além dos cristais de oxalato de cálcio, diversas plantas contêm alcaloides, saponinas e glicosídeos que apresentam ação tóxica sistêmica. Os alcaloides podem interferir no sistema nervoso central, no trato gastrointestinal e nas funções hepáticas, dependendo da dose ingerida e da espécie animal afetada ([Adamski et al., 2020](#)). O estudo de [Agbai et al. \(2021\)](#) corrobora essa perspectiva ao demonstrar que as variações fitoquímicas entre as plantas, mesmo da mesma espécie, podem afetar diretamente o grau de toxicidade. Fatores como solo, clima e métodos de cultivo alteram significativamente a composição química dos vegetais. [Marinho \(2023\)](#) destaca que ainda há um conhecimento incipiente entre os tutores quanto à periculosidade das plantas presentes em suas casas. Muitas vezes, a escolha das espécies ornamentais é feita com base apenas em critérios estéticos, ignorando-se seu potencial tóxico para animais domésticos.

A ausência de orientações sobre cuidados com os animais compromete a prevenção de intoxicações, como relatado por [Damasceno et al. \(2023\)](#), em levantamento sobre a relação entre gatos e vegetais cultivados em ambientes residenciais. Casos clínicos recentes reforçam a gravidade das intoxicações. [Camargo et al. \(2022\)](#) relataram um episódio de intoxicação em cão após a ingestão de *Tradescantia spathacea*, resultando em vômitos, apatia e hipersalivação, exigindo intervenção clínica imediata. [Medeiros \(2024\)](#) também chama atenção para a frequência de acidentes causados por espécies do gênero *Dieffenbachia*, as quais, além dos efeitos físicos provocados pelo oxalato de cálcio, contêm compostos que induzem reações inflamatórias sistêmicas. É necessário considerar ainda que algumas substâncias vegetais tóxicas podem se acumular no organismo, e a exposição repetida tende a intensificar os efeitos adversos. Isso reforça a urgência de orientar os tutores quanto à substituição das plantas perigosas por alternativas seguras ([Spinosa et al., 2017](#)).

O desconhecimento sobre a toxicidade das plantas é um dos principais obstáculos para a redução dos casos de envenenamento doméstico ([Siroka, 2023](#)). A autora defende a inclusão obrigatória de advertências em rótulos e catálogos de venda. A literatura também aponta que muitos tutores optam por plantas consideradas “purificadoras do ar”, como a Espada-de-São-Jorge e o Lírio-da-paz, sem saber que essas espécies são altamente tóxicas para cães e gatos ([Santos et al., 2024](#)). Essa realidade exige um

esforço conjunto entre profissionais da veterinária, comércio de plantas e órgãos de regulamentação. Somente por meio da articulação entre esses setores será possível promover ambientes domésticos mais seguros para os animais de estimação ([Melo et al., 2021](#)).

Sinais, diagnóstico, tratamento, abordagem multidisciplinar e prevenção das intoxicações por plantas

Os atendimentos veterinários decorrentes da ingestão de plantas tóxicas são relativamente frequentes em hospitais universitários ([Catozo et al., 2022](#)). A gravidade das manifestações clínicas decorrentes da intoxicação por plantas ornamentais em cães e gatos pode variar amplamente, dependendo da espécie vegetal ingerida (do princípio ativo), da quantidade consumida, do porte do animal e da sensibilidade individual ([Spinosa et al., 2017](#)). A sintomatologia geralmente tem início em poucas horas após a exposição e, quando não reconhecida precocemente, pode evoluir para quadros mais graves e de difícil reversão ([Bezerra et al., 2021](#)). Os sinais clínicos mais comuns incluem diarreia, salivação excessiva, inapetência, dor abdominal, letargia, além de alterações neurológicas (como tremores, convulsões e ataxia), respiratórias (edema de glote, dispneia) e cardiovasculares (bradicardia, arritmias, colapso). Tais manifestações estão associadas aos princípios ativos presentes nas plantas, como oxalatos de cálcio, saponinas, alcaloides e glicosídeos cardíacos ([tabela 1](#)), que podem provocar efeitos sistêmicos mesmo em exposições mínimas ([Mendonça et al., 2022](#)), compostos comuns em muitas espécies decorativas ([Aguar & Veiga Júnior, 2021](#); [Botelho et al., 2022](#); [Fracaro et al., 2021](#)).

A seguir, destaca-se a [tabela 1](#) com as principais plantas tóxicas para cães e gatos, seus princípios ativos, sinais associados e sistemas afetados:

Tabela 1. Principais plantas ornamentais tóxicas para cães e gatos: sinais, princípios ativos e sistemas afetados

Espécie vegetal	Princípio ativo	Sinais mais comuns	Sistema afetado
<i>Dieffenbachia</i> spp.	Oxalato de cálcio, proteases	Salivação intensa, edema de língua e glote, dor oral	Respiratório, digestivo
<i>Lilium</i> spp. (Lírio)	Compostos não completamente identificados	Vômitos, letargia, anúria, falência renal aguda (em gatos)	Renal
<i>Cycas revoluta</i> (Palmeira-sagu)	Cicasina	Vômitos, diarreia, hepatotoxicidade, icterícia, convulsões	Hepático, neurológico
<i>Nerium oleander</i> (espirradeira)	Glicosídeos cardíacos (oleandrina)	Arritmias, vômitos, bradicardia, colapso, morte súbita	Cardíaco, gastrointestinal
<i>Sansevieria trifasciata</i> (Espada-de-São-Jorge)	Saponinas	Náusea, diarreia, letargia	Digestivo
<i>Tradescantia spathacea</i> (Abacaxi-roxo)	Compostos irritantes	Vômitos, hipersalivação, apatia	Digestivo
<i>Anthurium</i> spp.	Oxalato de cálcio	Edema oral, disfagia, dor, salivação	Digestivo, respiratório
<i>Aloe vera</i> (babosa)	Aloína e saponinas	Diarreia, vômitos, desequilíbrio eletrolítico	Digestivo, renal
<i>Philodendron</i> spp.	Oxalato de cálcio	Irritação oral, edema, disfagia, possível asfixia	Respiratório, digestivo
<i>Zantedeschia aethiopica</i> (Copo-de-leite) e <i>Monstera deliciosa</i> (Costela-de-adão)	Oxalato de cálcio	Edema de glote, disfagia, sialorreia, dor oral	Respiratório, digestivo
<i>Rhododendron</i> spp. (Azaleia)	Andromedotoxina	Náuseas, hipotensão, alterações neurológicas	Respiratório, neurológico
<i>Tulipa</i> spp.	Tulipanosídeos	Salivação, depressão, vômitos	Digestivo, neurológico (em altas doses)
<i>Lantana câmara</i> (morango-da-terra)	Triterpenoides pentacíclicos	Icterícia, vômito bilioso, elevação de ALT e AST	Digestivo

Adaptado de [Aguar & Veiga Júnior \(2021\)](#).

Casos de intoxicação hepática e renal também são frequentes, destacando-se espécies como *Cycas revoluta* (palmeira-sagu), *Lantana camara* e *Lilium* spp. (lírios), esta última particularmente nefrotóxica para gatos ([Damasceno et al., 2023](#); [Marinho, 2023](#); [Nagy et al., 2023](#)). A análise de 80 casos de intoxicação felina no Brasil apontou que 67% apresentaram sinais gastrointestinais, 19% neurológicos e 14% respiratórios ([Jardim et al., 2021](#)).

A exposição dérmica ou ocular a determinadas espécies, embora menos comum, também pode causar dermatite alérgica, prurido ou conjuntivite, como observado em casos envolvendo *Epipremnum pinnatum* (jiboia) e *Monstera deliciosa* (costela-de-adão) ([Damasceno et al., 2023](#)).

De modo geral, os sinais podem variar entre cães e gatos: gatos são mais suscetíveis a manifestações renais, como poliúria, hematúria e elevação dos níveis de ureia e creatinina, especialmente após a ingestão de lírios (*Lilium* spp.) ([Marinho, 2023](#)). Em cães, observa-se maior prevalência de sinais digestivos e neuromusculares. Ressalta-se que os sinais clínicos devem ser interpretados dentro do contexto toxicológico, levando-se em conta o ambiente do animal e a possível presença de outras substâncias ou agentes tóxicos concorrentes ([Agbai et al., 2021](#)). A atuação veterinária eficaz exige atualização constante frente à diversidade toxicológica das plantas ornamentais.

A ausência de sinais patognomônicos torna o diagnóstico das intoxicações vegetais em pequenos animais um desafio clínico considerável. Por isso, destaca-se a importância de uma anamnese detalhada, com foco em hábitos alimentares, acesso a plantas ornamentais e tempo estimado de exposição ([Catozo et al., 2022](#); [Jardim et al., 2021](#)).

A evolução clínica pode ser rápida ou insidiosa, variando conforme o tipo de planta e a quantidade ingerida. Em quadros agudos, são observados sinais como vômitos refratários, edema de língua e inflamação de mucosas, enquanto em intoxicações subagudas, os achados podem se restringir a emagrecimento progressivo, letargia e queda de pelos, dificultando o diagnóstico quando a planta tóxica não é identificada precocemente ([Silva et al., 2021](#)).

O diagnóstico clínico requer exame físico minucioso, buscando sinais como salivação excessiva, hiperemia oral, diarreia, alterações neurológicas, respiratórias e oftálmicas ([Botelho et al., 2022](#); [Damasceno et al., 2023](#)). Esses achados, embora inespecíficos, quando associados ao relato de exposição a plantas decorativas, ajudam na formação da hipótese diagnóstica ([Botelho et al., 2022](#)). O diagnóstico diferencial deve considerar causas infecciosas, parasitárias, endócrinas e neurológicas. Dessa forma, a confirmação da intoxicação frequentemente se baseia na exclusão de outras possibilidades clínicas, associada à identificação da planta no ambiente ou em conteúdo gástrico ([Marinho, 2023](#)).

Os exames laboratoriais são essenciais na avaliação de possíveis comprometimentos sistêmicos. Hemograma, bioquímica sérica e urinálise permitem investigar funções hepática, renal e hematológica. A elevação de ALT, AST, ureia e creatinina podem indicar hepatotoxicidade ou nefrotoxicidade, como nas intoxicações por *Lantana camara* e *Lilium* spp. ([Marinho, 2023](#); [Nagy et al., 2023](#)).

Exames de imagem, como radiografia abdominal e ultrassonografia, também são indicados em situações específicas. Embora não permitam a visualização direta das toxinas vegetais, esses métodos podem revelar a presença de corpos estranhos vegetais, alterações em alças intestinais, hepatomegalia ou alterações renais compatíveis com quadros de intoxicação ([Camargo et al., 2022](#)).

A observação da evolução clínica e da resposta à terapia sintomática também funciona como método diagnóstico indireto. Em muitos casos, a melhora clínica após a descontaminação gastrointestinal ou a administração de protetores hepáticos reforça a hipótese de intoxicação vegetal; contudo, essa abordagem não substitui os métodos objetivos de confirmação ([Aguilar & Veiga Júnior, 2021](#)).

Alguns hospitais veterinários de referência utilizam testes rápidos ou cromatografia líquida para confirmar a presença de toxinas específicas. No entanto, tais técnicas ainda são pouco acessíveis e economicamente inviáveis para a maioria das clínicas veterinárias de pequeno porte ([Spinosa et al., 2017](#)). Isso torna ainda mais relevante o uso criterioso e integrado dos métodos clínicos e laboratoriais disponíveis.

Em casos de intoxicação confirmada, a conduta terapêutica varia conforme o agente tóxico. Em geral, inclui estabilização do paciente, descontaminação gastrointestinal (emese, carvão ativado), fluidoterapia, controle da dor e suporte sintomático ([Eurell & Peacock, 2021](#)).

A êmese induzida com apomorfina pode ser eficaz em cães se realizada nas primeiras duas horas após a ingestão ([Eurell & Peacock, 2021](#)). Em gatos, é preferível utilizar xarope de ipeca ou lavagem gástrica, visto que a apomorfina apresenta menor eficácia nessa espécie ([Spinosa et al., 2017](#)). O sucesso do tratamento depende essencialmente do tempo de resposta clínica ([Camargo et al., 2022](#)). Em casos em que a intervenção ocorre logo após a exposição, os sinais clínicos são reversíveis e o prognóstico é

favorável. No entanto, atrasos no atendimento ou desconhecimento da planta envolvida comprometem significativamente os resultados terapêuticos. A atuação emergencial deve ser protocolar, contemplando estabilização, identificação do tóxico, neutralização e suporte intensivo.

Além da abordagem clínica, é importante instruir os tutores sobre a necessidade de retirar imediatamente a planta do alcance do animal e armazená-la para identificação, o que pode facilitar o diagnóstico e o direcionamento terapêutico ([Bezerra et al., 2021](#)). As intoxicações por alcaloides, presentes em diversas plantas ornamentais, requerem atenção especial. Esses compostos afetam receptores neuromusculares e podem induzir paralisia, depressão respiratória ou convulsões, exigindo sedação controlada e suporte ventilatório ([Adamski et al., 2020](#)).

A complexidade química dos compostos vegetais está relacionada à sua origem fitoquímica e às condições ambientais de cultivo: “Os perfis de compostos secundários das plantas, como alcaloides, flavonoides e terpenoides, variam conforme a maturidade, exposição solar e processos de processamento. Essa diversidade interfere diretamente na ação farmacológica e toxicológica, tornando o prognóstico clínico incerto em casos de exposição animal” ([Agbai et al., 2021](#)).

Nos quadros de insuficiência renal, comuns após ingestão de lírio (*Lilium* spp.), a intervenção deve incluir fluidoterapia intensiva, controle eletrolítico e diálise peritoneal em casos refratários. A taxa de mortalidade nesses casos é alta, especialmente em gatos ([Damasceno et al., 2023](#)). Para plantas com ação irritante local, como *Dieffenbachia* e *Anthurium*, recomenda-se lavagem oral com soro fisiológico, analgesia e anti-inflamatórios não esteroidais. A monitorização da via aérea é fundamental, especialmente para prevenir asfixia por edema de glote ([Torres et al., 2024](#)).

Algumas manifestações clínicas tardias podem surgir dias após a ingestão, como lesões renais e hepáticas, o que demonstra a importância do acompanhamento clínico mesmo após uma melhora aparente ([Lizarraga & Parton, 2021](#)).

A abordagem multidisciplinar – integrando clínicos, toxicologistas e botânicos – é essencial para o manejo eficaz das intoxicações vegetais. O uso de bancos de dados toxicológicos e aplicativos de identificação de plantas tem se mostrado promissor na prática veterinária ([Melo et al., 2021](#)).

Como recurso complementar, recomenda-se o envio de amostras da planta ingerida para laboratórios especializados em botânica ou toxicologia vegetal. Embora essa prática ainda seja pouco comum no Brasil, é rotineiramente utilizada em países como Nova Zelândia e Alemanha ([Lizarraga & Parton, 2021](#)). A ausência de protocolos padronizados para o diagnóstico de intoxicações vegetais em animais domésticos constitui um dos principais entraves à uniformização das condutas clínicas. Muitos profissionais ainda se baseiam exclusivamente na sintomatologia, o que pode levar a erros diagnósticos ou atrasos no manejo ([Fracaro et al., 2021](#)).

A literatura recomenda que os hospitais veterinários desenvolvam guias internos contendo lista das principais plantas tóxicas encontradas na região, facilitando a correlação clínica e orientando os tutores quanto à prevenção ([Tenedini, 2020](#)). Essa padronização é especialmente útil em clínicas localizadas em áreas urbanas, onde há grande diversidade botânica.

A elaboração de fichas clínicas específicas para casos de intoxicação por plantas, contendo informações como tempo de exposição, características morfológicas da planta suspeita, sinais iniciais e evolução do quadro, também é considerada uma boa prática. Esse tipo de documentação contribui para a vigilância toxicológica e para futuras pesquisas epidemiológicas ([Agbai et al., 2021](#)).

O diagnóstico de intoxicação por plantas ornamentais exige uma abordagem multidisciplinar, que envolva investigação ambiental, exame clínico minucioso, exames complementares estratégicos e, quando possível, análise da planta suspeita. O papel do médico-veterinário nesse processo vai além da intervenção clínica, estendendo-se à educação dos tutores e à promoção de medidas preventivas.

Considerações finais

A análise dos estudos evidencia que a anamnese detalhada, a identificação da planta suspeita no ambiente do animal e a realização de exames complementares são fundamentais para o diagnóstico de intoxicação por plantas ornamentais. Do ponto de vista terapêutico, o suporte sintomático continua

sendo a principal abordagem clínica, com ênfase na rápida intervenção e na personalização do tratamento conforme o agente tóxico envolvido.

Referências bibliográficas

- Adamski, Z., Blythe, L. L., Milella, L., & Bufo, S. A. (2020). Biological activities of alkaloids: From toxicology to pharmacology. In *Toxins* (Vol. 12, Issue 4, p. 210). <https://doi.org/10.3390/toxins12040210>.
- Agbai, C. M., Olawuni, I. A., Ofoedu, C. E., Ibeabuchi, C. J., Okpala, C. O. R., Shorstkii, I., & Korzeniowska, M. (2021). Changes in anti-nutrient, phytochemical, and micronutrient contents of different processed rubber (*Hevea brasiliensis*) seed meals. *Peer Journal*, 9, 1327. <https://doi.org/10.7717/peerj.11327>.
- Aguiar, A., & Veiga Júnior, V. (2021). O jardim venenoso: A química por trás das intoxicações domésticas por plantas ornamentais. *Química Nova*, 1093–1100. <https://doi.org/10.21577/0100-4042.20170746>.
- Almeida, P. A., Oliveira, J. R., & Mantovani, M. M. (2010). Determinantes da interação homem-animal. *PUBVET*, 4(4), 144.
- Barrozo, L. M., Miranda, B. S., Zanatta, T. S. C., Santos, J. C., Araújo, K. P. L., Diniz, A. A., & Silva, F. C. S. (2022). Interesse da população pela jardinagem durante o isolamento social na pandemia da Covid-19. *LICERE - Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 25(3). <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2022.41661>.
- Bezerra, L. S., Olinda, R. G., Barbosa, G. M. O., & Chaves, R. N. (2021). Prevalência de intoxicações exógenas em cães e gatos no município de Fortaleza e região metropolitana. *PUBVET*, 16(3), 1–8. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n03a1058.1-8>.
- Botelho, A. F. M., Silva, R. H. S., Guimarães, A. R. R., Leopoldino, C. G. R., Rocha, N. S., Jesus, L. F. I., Silva, R. C. C., Soares, D. M., Almeida, S. S., Vicente, M. C., Pires, Y. A. B., & Rocha, T. F. G. (2022). *Plantas tóxicas ornamentais para cães e gatos*.
- Bowen, J., Llorens, N., Planell, E., Díaz, H. & Fatjó, J. (2020). The effects of the Spanish COVID-19 lockdown on people, their pets and the human-animal bond. *Journal of Veterinary Behavior*, 40, 75–91. <https://doi.org/10.1016/j.jveb.2020.05.013>
- Camargo, D. S., Oliveira, J. S., & Souza, M. S. B. (2022). *Intoxicação em cão após a ingestão de Tradescatia spathacea (Abacaxi roxo): Relato de caso*. <https://doi.org/10.54265/tgja6487>.
- Catozo, R. G., Paula, J. F., Lima, L. R., & Spinosa, H. S. (2022). Intoxicação em gatos atendidos em um hospital veterinário universitário da cidade de São Paulo: Análise retrospectiva de 2010 a 2021. *Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*, 20(1), e38329. <https://doi.org/10.36440/recmvz.v20i1.38329>.
- Chow, J. L. Y., Lam, A., & Shelton, G. D. (2021). Progressive increases in creatine kinase activity in an anorexic cat with necrotising myopathy. *Journal of Feline Medicine and Surgery Open Reports*, 7(2). <https://doi.org/10.1177/20551169211031790>.
- CIAVE/ANVISA. *Relatório Nacional de Intoxicações Exógenas em Animais – 2020*.
- Costa, J. C. et al. Abordagem prática das intoxicações por plantas em cães e gatos. *Rev. Bras. Med. Vet.*, 2022.
- Coutinho, R. L. et al. Diagnóstico clínico-laboratorial de intoxicações em pequenos animais: plantas tóxicas. *Revista de Toxicologia Veterinária*, 2020.
- Damasceno, J., Pazos, E., Barosella, J. R., Afonso, L. F., & Silva, S. G. G. (2023). Gatos e plantas: Quais são tóxicas, quais podemos ter e quais eles podem ingerir. *WellFelis*.
- Eurell, T. E., & Peacock, R. E. (2021). Induction of emesis with apomorphine using a novel gingival administration method in dogs. *Journal of Veterinary Emergency and Critical Care*, 31(6). <https://doi.org/10.1111/vec.13115>
- Fracaro, C. C., Bononi, V. L. R., Pedrinho, D. R., Bono, J. A. M., Matias, R., Nascimento, G. C. Z., & Lopes, C. S. (2021). Ocorrência de casos de intoxicação por plantas ornamentais tóxicas no estado

- de Mato Grosso do Sul. *Ensaios e Ciência Biológicas Agrárias e da Saúde*, 25(2), 186–194. <https://doi.org/10.17921/1415-6938>.
- Górniak, S. (2008). Plantas tóxicas ornamentais. In H. S. Spinosa, S. Górniak, & J. Palermo-Neto (Eds.), *Toxicologia aplicada a medicina veterinária* (pp. 459–474). Manole Ltda.
- Jardim, M. P. B., Farias, L. F., Cid, G. C., & Souza, H. J. M. (2021). Poisoning in domestic cats in Brazil: toxicants, clinical signs, and therapeutic approaches. *Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia*, 73(1), 99–107. <https://doi.org/10.1590/1678-4162-11856>.
- Lizarraga, I., & Parton, K. (2021). A survey of animal poisonings in New Zealand veterinary practices: Perceptions of incidence and frequency of poisoning cases. *New Zealand Veterinary Journal*, 69(6), 349–354. <https://doi.org/10.1080/00480169.2021.1936684>.
- Marinho, B. C. (2023). *Plantas ornamentais tóxicas para gatos: Revisão de literatura do tipo narrativa*. Centro Universitário de Brasília.
- Martins, D. B., Martinuzzi, P. A., Sampaio, A. B., & Viana, A. N. (2013). Plantas tóxicas: uma visão dos proprietários de pequenos animais. *Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR*, 16(1), 11–17.
- Medeiros, E. S. (2024). *Acidentes toxicológicos por plantas do gênero Dieffenbrachia spp.: Uma revisão da literatura*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- Melo, D. B., Macedo, L. M., Almeida, I. O., Pereira, T. R. S., Silva, T. M., Leal, M. M. T., Melo, G. A., & Santana, L. L. B. (2021). Intoxicação por plantas no Brasil: uma abordagem cienciométrica. *Brazilian Journal of Development*, 7(4). <https://doi.org/10.34117/bjdv7n4-517>.
- Melo, M. M. (2000). Plantas ornamentais tóxicas. *Cadernos Técnicos da Escola de Veterinária*, 32, 88–89.
- Melo, L. A., Santos, M. L., Oliveira, M. P. M. (2021b). Intoxicações em pequenos animais: uma análise retrospectiva de atendimentos emergenciais. *Rev Cient Med Vet*, 28(1):55–62.
- Mendonça, A. F., Batisteti, M. C. M., Zavanelli, G. R., Santana, I. S., Mansur, L. M. C., Rodella, M. C. N., & Franco, R. P. (2022). Intoxicação por *Dieffenbachia picta* schott em cão: Relato de caso. *PUBVET*, 16(10), 1–7. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v16n10a1246.1-7>.
- Moura, M. P.; Costa, B. G.; Almeida, M. C. (2022). A influência do ambiente doméstico no bem-estar de cães e gatos: implicações da humanização na saúde animal. *Revista Brasileira de Ciência Veterinária*, 29(1), 55–63. <https://doi.org/10.47242/978-65-87959-05-4-11>
- Nagy, A. L., Ardelean, S., Chapuis, R. J. J., Bouillon, J., Pivariu, D., Dreanca, A. I., & Caloni, F. (2023). Emerging plant intoxications in domestic animals: A European perspective. In *Toxins* (Vol. 15, Issue 7, p. 442). <https://doi.org/10.3390/toxins15070442>.
- Oliveira, M. F., & Sisenando, H. A. (2017). Plantas tóxicas: Um risco quase invisível à saúde infantil. *Uniciências*, 21(2), 115–119. <https://doi.org/10.17921/1415-5141.2017v21n2p115-119>.
- Oliveira, R. T.; Silva, C. F. (2021). Estilo de vida e humanização de animais de companhia no contexto urbano brasileiro. *Revista de Saúde e Ambiente Animal*, 4(2), 101–110.
- Santos, B. F. B., Souza, L. Z. F., Borges, J. P. A., Gadelha, M. A. C., & Pardal, P. P. O. (2021). Intoxicação por plantas no Estado do Pará, Brasil. *Revista Fitos*, 15(1). <https://doi.org/10.32712/2446-4775.2021.857>
- Santos, C. R. O. (2013). Plantas ornamentais tóxicas para cães e gatos presentes no nordeste do Brasil. *Medicina Veterinária (UFRPE)*, 7(1), 11–16.
- Santos, F. A. A. (2022). *Intoxicação de canídeo doméstico por ingestão de Espada de São Jorge: Revisão de literatura*. Centro Universitário Luterano de Brasília.
- Santos, F. A. A., Mesquita, R. M. S. I., Marques, T. A., Carvalho, L. C., Azevedo, F. M. G., & Santos, B. A. (2024). Intoxicação de canídeo doméstico por ingestão de Espada de São Jorge. *PUBVET*, 18(10), e1669. <https://doi.org/10.31533/pubvet.v18n10e1669>.
- Silva, R. S., Silva, T. S., Teixeira, U. L., & Coelho, M. D. C. (2021). Bioensaio toxicológico de plantas alimentícias não convencionais em *Artemia salina* Leach. *Revista Ciência e Saúde Online*, 6(3).
- Siroka, Z. (2023). Toxicity of house plants to Pet animals. *Toxins*, 15(5), 346. <https://doi.org/10.3390/toxins15050346>.

- Spinosa, H. S. S., Górnaiak, S. L. & Bernardi, M. M. (2017). *Farmacologia aplicada à medicina veterinária*. Koogan Guanabara.
- Tenedini, V. (2020). *Plantas ornamentais tóxicas para cães e gatos*. Universidade Federal do Pampa.
- Tokarnia, C. H., Döbereiner, J., & Peixoto, P. V. (2012). *Plantas tóxicas do Brasil*. Helianthus.
- Torres, A. K. C., Sanches, L. A., Favacho, E. L. B., Silva, J. L. B., Furtado, M. T., Ribeiro, A. P., Almada, V. B. A., & Silva, J. V. (2024). Intoxicação por planta ornamental Comigo-Ninguém-Pode (*Dieffenbachia seguine*) em cães: Relato de caso. *Observatorio de la Economia Latinoamericana*, 22(7), e5559. <https://doi.org/10.55905/oelv22n7-009>.

Histórico do artigo:**Recebido:** 29 de abril de 2025**Aprovado:** 17 de maio de 2025**Licenciamento:** Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4.0), a qual permite uso irrestrito, distribuição, reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam devidamente creditados.